

O NINHO E O ALÇAPÃO: CAMPO E CIDADE NA MEMÓRIA DE VELHOS(AS) CAMPONESES DO BAIXO JAGUARIBE-CE

José Olivenor Souza Chaves¹

Resumo: Neste artigo, busquei investigar a relação campo e cidade a partir da memória de velhos(as) camponeses do Baixo Jaguaribe-CE. Para isto, utilizei a metodologia da História Oral, tendo realizado 13 entrevistas, cujo conteúdo, depois de transcrito, me permitiu construir um inventário temático, do qual extraí as questões-problemas que, depois de maturadas pela reflexão teórico-historiográfica, pude escriturá-las através de uma narrativa que não fugisse do âmago dos discursos orais. Como inspiração, busquei apoio nos seguintes autores(as): Albuquerque Jr. (1988), Augé (1994), Bachelard (1993), Bosi (1988), Certeau (1994), Frémont (1980), Rolnik (1994), Williams (1989) e Neves (2000). Entre os “resultados”, pude inferir que a metáfora do ninho e do alçapão era absolutamente conveniente à relação que os velhos(as) camponeses tinham com os espaços do campo e da cidade.

Palavras-chave: Campo. Cidade. Memória. Camponeses. Baixo Jaguaribe.

THE NEST AND THE TRAPDOOR: COUNTRYSIDE AND CITY IN THE MEMORY OF OLD PEASANTS FROM BAIXO JAGUARIBE-CE

Abstract: In this article, I sought to investigate the relationship between countryside and city from the memory of old peasants from Baixo Jaguaribe-CE. For this, I used the methodology of Oral History, having carried out 13 interviews, whose content, after being transcribed, allowed me to build a thematic inventory, from which I extracted the questions-problems that, after being matured by the theoretical-historiographical reflection, I was able to write them down. them through a narrative that does not escape the core of oral discourses. As inspiration, I looked for support in the following authors: Albuquerque Jr. (1988), Augé (1994), Bachelard (1993), Bosi (1988), Certeau (1994), Frémont (1980), Rolnik (1994), Williams (1989) and Neves (2000). Among the “results”, I was able to infer that the metaphor of the nest and the trapdoor was absolutely convenient for the relationship that the old peasants had with the spaces of the countryside and the city.

Keywords: Countryside. City, Memory. Peasants. Baixo Jaguaribe.

¹ Doutor em História (UFPE) e Pós-Doutor em Educação (UFRN). Professor efetivo do Curso de História da Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos – FAFIDAM, da Universidade Estadual do Ceará – UECE. Tutor do Programa de Educação Tutorial de História – PET/MEC. E – mail: olivenor.chaves@uece.br.

1 Introdução

Entre os anos de 1998 e 1999, na região do Baixo Jaguaribe, no Ceará, cruzei muitas estradas, ruas e veredas de roça para encontrar velhas e velhos camponeses com os quais, pelas trilhas de suas memórias, realizaríamos a travessia por campos e cidades, lugares cujas lembranças evocavam os sentimentos da saudade e da hostilidade.

Em cada parada que fazia, procurava, com simplicidade, me ambientar, vencer as barreiras da desconfiança, próprias da relação entre desconhecidos. Ensaando um diálogo mais investigativo, falava de mim mesmo, de minhas raízes sertanejas, das lembranças de infância na casa de meus avós materno, ao mesmo tempo que procurava, sem demora, sondar as histórias de vida de meus interlocutores, cujos rostos revelavam diferentes caminhos através dos traços faciais, verdadeiros sulcos, que denunciavam, assim como as mãos e os pés encaixados, uma vida de trabalho e os longos caminhos já palmilhados.

Assim, através da metodologia da história oral, foram produzidas diversas narrativas, cujo conteúdo, depois de transcrito, deixava de ser meras lembranças para se tornarem discursos, pontos de vista que deveriam ser interpretados, esculpidos, escriturados como práticas sociais, como vivências, como História.

Como se estivessem “hipnotizados” pela força de suas lembranças, voluntariamente os camponeses iam se entregando ao trabalho de rememorar, penetrando nos labirintos da memória, passando a rever e descrever espaços e cenas que ficaram marcadas, em suas vidas, como momentos de farturas, de contentamento, de felicidade. Mas, como a vida não é só ventura, os narradores, no movimento de suas lembranças, também cruzaram e até se demoraram em algumas “esquinas” do passado, como a espreitarem, com repulsa, imagens que iam sendo narradas com amargura, como se cada palavra-frase estivesse sendo talhada, unicamente, pelo cinzel do sofrimento, evidenciando, assim, o quanto aquele passado se achava, no presente, sensorialmente pigmentado, tatuado em suas lembranças, memórias.

Assim, a partir de suas experiências de vida, os camponeses me fizeram compreender o quanto as relações que mantêm com os lugares são marcadamente afetivas. Nesse sentido, a exemplo do tempo, o lugar é qualificado pela presença humana e pela ação dos afetos e da imaginação. Para Bachelard (1993), a rememoração de qualquer espaço vem sempre acompanhada e enriquecida por novas imagens, movimentadas pelo desejo e pela imaginação. Para o citado autor,



o espaço da imaginação e o espaço do vivido acham-se entranhados. Consciente, portanto, dessa tênue relação entre a memória, o sonho e o vivido, busquei pensar a produção cultural do espaço.

Mas, com a intenção de melhor compreender as relações que velhas e velhos camponeses do Baixo Jaguaribe mantiveram com os lugares que ainda permaneciam vivos em suas memórias, recorri, ainda, à Ecléa Bosi (1998) para refletir o quanto as paisagens são imagens de um real indefinido e móvel que se estendem tanto para fora como para dentro de nós. Dessa forma, quanto mais eu me embrenhava pelos caminhos que as memórias, de cada narrador, iam me possibilitando conhecer, mais clara ficava, para mim, a impossibilidade de separar a memória do sonho e a memória do vivido.

Para pensar o espaço vivido como resultado de uma construção efetivada pelos sujeitos a partir de suas práticas e experiências, Michel de Certeau (1994) trabalhou com a ideia de bipolaridade entre as categorias de espaço e lugar. Para Certeau, o espaço pode ser representado como um “lugar praticado”, ou seja, como resultado das práticas sociais, enquanto o lugar é definido como uma certa ordem que se institui pela coexistência de vários elementos.

Porém, foi a noção de espaço vivido desenvolvida por Armand Frémont (1980), que me possibilitou melhor compreender o apego que, de modo geral, os narradores demonstraram ter em relação ao mundo rural que parecia culturalmente enraizado em suas almas, uma espécie de identidade única. De acordo com Frémont, as bases econômicas ou demográficas não permitem perceber a totalidade das relações que unem os homens aos lugares. Nesse sentido, o processo de apreensão dos espaços acontece, também, pelas “pulsões da afectividade”, pelos “condicionamentos da cultura” e pelos “fantasmas do inconsciente” (FRÉMONT, 1980, pp. 16-17).

O espaço vivido agrega, pois, diferentes componentes de realidade que são históricos, administrativos, ecológicos, econômicos e, mais profundamente, psicológicos. Para Frémont (1980), nenhuma região pode ser compreendida como uma realidade em si, pois ela representa um espaço vivido. Nesse sentido, é preciso captá-la onde ela existe, ou seja, na maneira pela qual os homens a veem. Portanto, os sujeitos veem, apreendem, sentem, rejeitam e modela os espaços vividos, ao mesmo tempo que são modelados pelas próprias imagens que projetam.

Assim sendo, é imperioso compreendermos que as relações do homem com o espaço não expressam dados que são imanentes ou inatos. Ao contrário, essas relações “combinam-se numa experiência vivida que, de acordo com as idades da vida, se forma, se estrutura e se desfaz” (FRÉMONT, 1980, p. 26). Desta forma, o espaço vivido deve integrar uma dupla dimensão do



tempo, caracterizado como tempo histórico e tempo pessoal, além de integrar, também, o movimento representado pelo deslocamento do sujeito no tempo e no espaço.

Depois de analisar o conjunto das narrativas produzidas na pesquisa de campo, posso afirmar que meus interlocutores, em suas narrativas, apresentaram um ponto de vista pessoal, embora, depois de entrelaçadas, as memórias nos permitissem compreender o quanto os lugares, os espaços, os cenários, as vivências eram, também, demarcados pelos contornos da imaginação coletiva.

Em seus relatos de memória, as secas e os invernos apareciam como excelentes marcadores de tempos e lugares, os quais se acham impregnados de sentidos, de sentimentos, de enlevos. As secas e os invernos surgiam em suas recordações como algo efetivamente vivido, cujos movimentos narrativos davam vazão, com mais ênfase, as imagens da fartura e da ventura, se comparada com as imagens da miséria e da desventura. Essa constatação não é sem importância, pois ela representa uma espécie de bisturi com o qual se opera a desconstrução do estereótipo que, a partir de fins do século XIX, se construiu acerca do sertão nordestino que o definia como lugar da seca, da sede, da fome, da miséria, da tristeza, da morte.

A maneira pela qual cada camponês interpretou o mundo rural e citadino nos possibilita compreender o quanto suas percepções são marcadas pelo signo do sentimento. Ao reconstruírem, pois, seus espaços de vivência, os camponeses procuravam descrever não apenas um lugar, um dado recorte geográfico, mas ambientes carregados de sentidos, de significados, fazendo do espaço vivido um lugar praticado.

Enquanto construíam suas narrativas, os camponeses, muitas vezes, paralisavam o olhar no horizonte, como a querer enxergar cada vez mais distante, ao passo que me fazia perceber o quanto àqueles olhares reunia “dispositivos” afetivos, os quais podiam ser traduzidos nas formas do desejo, do prazer e da repulsa em relação, respectivamente, aos espaços do campo e da cidade.

2 O campo: o espaço da memória, do sonho e do vivido

Apesar da produção discursiva em torno do sertão nordestino dar visibilidade a uma série de imagens clássicas, que o traduz na recorrente imagem da natureza indócil, do sol inclemente, da terra estorricada e da paisagem cinza, cenário no qual as pessoas parecem ter, eternamente, o status de pedintes, ao longo de minha travessia pelos sertões do Baixo Jaguaribe, busquei perceber a relação afetiva que os camponeses têm com os espaços rurais, dos quais se sentem parte integrante.





Para cada um dos narradores, o mundo rural representava, pois, o ambiente no qual nasceram, viveram e aprenderam a ver o mundo, onde criaram laços afetivos com a família, com a vizinhança e com a natureza. A percepção desse enraizamento revelou, para mim, o quanto “os lugares pertencem aos homens e os homens pertencem aos lugares” (FRÉMONT, 1980, p. 176-177).

Este sentimento de pertença que unia/une os camponeses ao espaço rural, está em grande medida marcado pelo valor sentimental que estes atribuem à terra, pois esta representa um “pedaço” de chão que foi, muitas vezes, herdado dos “antigos”, cuja riqueza reside, justamente, no valor sentimental que possuem. De maneira geral, o território familiar é demarcado pelo espaço da casa, do roçado, dos currais, dos chiqueiros, enfim, por todos os espaços com os quais se encontram afetivamente ligados.

Assim, mergulhado em suas saudades, Onofre Augusto dos Santos falou-me do pedaço de chão em que morava como se fosse o seu mundo, o único mundo que herdara dos seus pais e que lhe ficara para sempre grudado na alma. Cheio das paisagens do passado, o velho narrador não conseguiu esconder a quanto dolorida lhe ficava a alma, ao lamentar o que o tempo fizera dos “muitos farelos” deixados por seus pais.

[...] o meu pai, minha mãe, [...] deixou muito farelo e no fim num ficou com nada. Deixou muito farelo de coisa, mas, no fim num ficou com nada. Se acabando... vai se acabando divagazim, assim, vai indo, se acaba. Se acaba, porque hoje é como já dito, donde se tira e num bota, nada vai pra frente não. Se aqui houvesse um inverno bom, se houvesse uns dois ou três ano de inverno bom, aqui era muito bom de se viver. Mas, do jeito que vai não (SANTOS, Russas - Ce, 21 de out. de 1999).

Maria Júlia, atravessando um pouco mais o rio de sua vida, me descreveu, com muito zelo e com mais riqueza de detalhes, os “farelos” deixados pelos pais do velho Onofre, seu esposo. Por um instante, passou a rever toda aquela terra que fora um dia “rica” e “poderosa”, embora, naquele dado presente, fosse o espectro da decadência, uma terra do “já teve”. Nas paisagens de sua memória, os tempos de fartura eram importantes referentes, assim como a parentela que, naquele circunscrito “pedaço” de chão, construíram suas histórias de vida alicerçadas no afeto, no sentimento de pertencimento, no trabalho, na fé-devoção, na solidariedade, no sonho e no amor, força capaz de gerar e gestar vidas.

Ave Maria! Aqui quando... eu chorava... no tempo que eu namorava com ele, eu chorava pra vim pra cá. Que era lugarzim bom, lugar rico. Na casa do meu sogro, eu vinha passear. Lá, de noite, assim, a gente via era o alvo, aí era os paiol da farinha. E hoje em dia quem tá esse povo? Os currais chei de gado, o curral do meu sogro era chei de gado. Era de duas, quais duas latas de gás tirava de leite. A minha casa começou a gotejar no ano que eu me casei, minha casa começou a gotejar; aí, ele disse assim: - “Maria Júlia, nós vamo lá pra casa do papai passar uns dia enquanto endereita essa casa.” Aí, nós fumo. A gurdura...





butaro nós num quarto, a gurdura do queijo caía na berada da minha rede. E hoje em dia a gente num vê mais isso, pode cumer um queijo se cumprar, pode cumer uma quarte de queijo se cumprar. Meu sogro, agora eu faço como o ditado, num era rico não, mais era bem rimidiado, bem arrimidiado. Era paiol de farinha, curral de gado, chiqueiro de ovêia de dizer que num era só... só trinta ovêia não. Munta ovêia, ele matava de duas, três na semana. Quando ele matava, ele era gente muito boa, num foi porque morreu não, mas era gente muito boa pra mim. [...]. Este Onofre, agora eu faço como o ditado, possuía tanto gado, mas hoje em dia, ói. Se acabou assim, tempo de seca, eles aqui, né? Mas aqui era lugar rico, [...] tinha era uma casa de farinha. Era um lugar rico, eu chorava pra vim pra cá. E hoje, agora eu faço como o ditado, num saio porque o canto deu viver é aqui (DOS SANTOS, Russas - Ce, 25 de out. de 1999).

Ao contrário do seu Onofre, que herdou dos pais a terra em que morava, Raimundo Sabino da Silva, assim como o seu irmão, Antônio Eugênio da Silva, seduzidos pela boa fertilidade das terras da “serra”, tiveram que comprar, na década de 1960, o “pedaço” de terra onde moravam na Pacatã, pequena comunidade rural localizada no alto da Chapada do Apodi, no município de Jaguaruana.

Eu cheguei aqui no dia 15 de janeiro de 64, dia 15 de janeiro de 64, onze hora da noite, eu cheguei aqui. Eu vim aqui trabaia [com] um homem dono dessa terra. [...]. Aí um dia, nós conversando, eu digo: - eu queria achar um fi de Deus que me desse uma morada aqui que eu vinha mimbora pra cá. Ele disse: - “você vinha mermo?” Eu digo, vinha. – “Apôs eu lhe dou, dou uma morada lá fora na estrada.” Nesse tempo, a estrada era aqui. Aí, eu levantei uma casa ali onde tem esses peim de pau. Aí, com a continuação do tempo aqui, com dez ou doze ano ele foi simbora pa Fortaleza e quiria vender essa terra. Aí, eu compei essa terrinha. Aí, inda hoje eu tô morando aqui (SILVA, Jaguaruana - Ce, 02 de fev. de 1999).

A ida para a Pacatã, primeiro como morador e depois como proprietário da “terrinhã” onde morava, significou para seu Raimundo Sabino ter melhores condições de trabalho e de vida, embora, no primeiro momento, ainda estivesse atrelado à condição de sujeição ao dono da terra.

Este sentimento de pertencimento aos lugares, herdados, muitas das vezes, desde a infância, foi enfatizado pelo Sr. Pedro das Neves ao revelar que nunca desejou morar na cidade, pois abandonar a “caatinga”, representaria abandonar o próprio universo familiar, a terra que lhe garantia o sustento pela força do seu trabalho.

Eu quiria mermo morar como eu moro, assim, no interior, pa puder trabaia. Na cidade, quê que a gente fazia? Vou nada! Toda vida eu fui home de morar nas caatingas. Meu pai morava nas caatingas, eu morava nas caatingas e hoje compei essa propriedadizinha com os poder de Deus, eu ainda muito novo, pa trabaia, com os poder de Deus, pa trabaia (CAVALCANTE, Morada Nova- Ce, 08 de abr. de 2000).

A partir da analogia com o corpo materno, biologicamente capacitado para fecundar, nutrir e proteger, podemos pensar o espaço vivido dos camponeses, seu mundo rural, agrário, como igualmente capaz de ser fecundado, de germinar, de oferecer alimento e proteção. Esse é o sentido

que melhor dimensiona o enraizamento dos camponeses ao mundo rural: “Entre o desenvolvimento do corpo e do espaço existe uma quase-solidariedade. O ninho materno é ao mesmo tempo invólucro, proteção, nutrição, comunicação... Não continuará o espaço a ser sempre um pouco isso?” (FRÉMONT, 1980, p. 47-48).

A simbologia acima apresentada ganha mais sentido quando pensamos, por exemplo, no homem citadino que resolve desbravar uma floresta, cujas “árvores são anônimas e onde o seu corpo se sente estranho, vulnerável, angustiado” (FRÉMONT, 1980, p. 50).

De acordo com Raymond Williams (1989), as atitudes emocionais dos homens servem de motivação para que o imaginário social defina o espaço do campo como lugar da subsistência e o da cidade como o lugar das aventuras humanas. O campo e a cidade, ao longo da história, foram sendo recortados a partir de conotações positivas e negativas. O campo “passou a ser associado a uma forma natural de vida - de paz, inocência e virtudes simples”, enquanto à cidade foi se tornando, cada vez mais, o “centro de realizações - de saber, comunicações, luz”. No que concerne as associações negativas, o campo aparece como sendo “lugar de atraso, ignorância e limitações”, ao passo que a cidade representa um “lugar de barulho, mundanidade e ambição” (WILLIAMS, 1989, p. 11).

Do ponto de vista da experiência por eles vivida, podemos dizer que os velhos camponeses do Baixo Jaguaribe, em seus discursos orais, atestaram a coerência da leitura teórica proposta por Raymond Williams (1989), pois, em seus relatos, demonstraram o quanto era forte entre eles o sentimento de pertencimento ao espaço rural. Assim, procurando qualificar o campo como um ambiente de sua identificação, seu Zacarias Almeida asseverou:

Eu gosto é do campo. Eu gosto é do campo. Que aqui, agora eu faço como o outo, eu amanheço o dia sei pa onde é que eu vou. Amanhece o dia, eu me arrumo, vou po meu roçado, po meu... cortar madeira, pa minhas luta. Ir pa rua, ir pa rua fazer o quê? Eu num vou beber, num tenho dinheiro pa brincar, num tenho dinheiro... E aqui, a vida é outa. Pa gente que mora aqui, muito diferente mermo, muito diferente (ALMEIDA, Russas - Ce, 25 de ago. de 1999).

No depoimento acima, o velho Zacarias, a partir de suas percepções, estabeleceu as fronteiras culturais que separam o campo e a cidade. Assim, para ele, de maneira inequívoca, o campo se traduz pela coerência dos hábitos através dos quais se mantém, por exemplo, a subsistência do núcleo familiar, enquanto a cidade representa a quebra desses hábitos, ou seja, o espaço do não-trabalho, o espaço do desregramento social, características que seriam distintas do meio rural.

Embora reconhecesse que, em muitos aspectos, a vida na cidade era mais fácil do que no campo, o velho Zacarias expressava prazer de morar na Lagoa de Santa Terezinha, distante cerca de 18 quilômetro da cidade de Russas. Para o velho narrador, a cidade deixa a pessoa preguiçosa, embora a vida seja mais “dispendiosa”: “Eu morando na rua eu fico prigiçoso, eu aqui num fico prigiçoso não. O dia amanhece, eu já tô na minha luta. Eu indo pa rua, só me levanto com sol alto. Chego da rua, amarro a rede, só me levanto o sol já altão” (ALMEIDA, Russas - Ce, 25 de ago. de 1999).

A percepção da cidade como o lugar da preguiça, do não-trabalho, paradoxalmente é a mesma que os cidadãos têm quando o olhar é inverso, ou seja, quando se pensa a vida no campo. No entendimento dos camponeses por mim entrevistados, a cidade representava, também, o espaço da violência. Na zona rural, a vida era tida “como mais tranquila”, “mais descansada”: “Aqui você arma a rede, dorme tranquilo num tem quem bata na porta da gente. E lá, se num for uma coisa bem sigura, os próprios vizim mermo faz mal a gente” (ROSA ALMEIDA, 1999).

O depoimento de Rosa Maria nos faz lembrar Raquel Rolnik (1994) quando nos esclarece que os componentes da violência urbana transcendem aos aspectos da mera criminalidade, pois impõe aos seus habitantes um estilo de vida marcado por um permanente estado de tensão.

O espaço rural, enquanto espaço vivido, apresenta-se como lugar conhecido, lugar da segurança, lugar onde mais facilmente a vida se reproduz, sem imprevistos, onde os deslocamentos se dão sem esforço, sem que sejam previamente programados, sem longa perda de tempo. Ao contrário do ambiente rural, como observou o velho Antônio Eugênio, a cidade representa a perda da espontaneidade, o espaço do retraimento mesmo quando o camponês ainda mantém elevada as suas possibilidades físicas.

Enquanto eu puder me bulir por aqui, eu não vou, é. Eu vejo muitos véi que trabiava aqui na serra, véi rebusto que andava daqui pra acolá, deram pra morar na rua, chegou na rua, se tinfiam de vez dento da rede, já morreram quais tudo. Porque é o primeiro sinal, a pessoa véi se tinfuiu dento de uma rede, não tem pra onde ir, endurece o joelho, endurece tudo, pronto, nutiliza e morre, como muitos têm morrido. Uns pouco que eu conheci, que foram pra Barauna, já morreram tudim. Se eles tivessem aqui, ainda tavam andando. Eu vou ficar por aqui mermo (SILVA, Jaguaruana- Ce, 15 de set. de 1998).

Segundo o depoimento do velho Antônio Eugênio, os camponeses enfrentavam grandes dificuldades de adaptação no espaço da cidade. Dentre as razões que podem explicar essas dificuldades, encontra-se a diminuição da sociabilidade dessas pessoas, uma vez que o espaço social se restringe em virtude da própria separação de parentes e amigos que continuaram residindo no espaço de origem.



Assim, dada a diminuição do raio de sociabilidade, são poucos os locais onde os camponeses se reconhecem no espaço da cidade. Como ficou evidenciado em muitos depoimentos, a igreja e o espaço da feira representam o local aonde mais os camponeses se reconhecem quando estão na cidade. O velho Antônio Eugênio, por exemplo, relatou que quando ia passar dois ou três dias na cidade de Jaguaruana, sobretudo no período de comemoração dos festejos em louvor a N. Sra. Sant'Ana, o que ele mais estranhava era o fato de “não” ter para onde ir além da igreja.

Às vezes eu saio daqui, vou ali pra festa, passo dois dias, três, por lá, quando é no domingo não tem pra onde ir. Vou pra missa, quando vem da missa vou pra casa. Aí, quando chego im casa, pronto, me toco dentro de casa, num tem pra onde ir. Saio de tardzinha de novo, pra ir pra Igreja de novo. Ano passado eu fui, terminou a missa vim pra casa, aí, fiquei dentro de casa, me deitei, quando foi negócio de duas horas mais ou menos, eu digo: - Vou pra rua. Fui pra rua, cheguei lá foi mermo que entrar pra dentro dum cemitério; não via ninguém, só via solidão. [...] Eu vou morar lá numa porra dessa, vou nada (SILVA, Jaguaruana - Ce, 15 de set. de 1998).

O indivíduo quanto mais se aproxima da velhice, mais retraído vai ficando em relação aos espaços conquistados ao longo da sua existência. Assim, ele passa a experienciar uma espécie de retraimento às avessas do que vivera quando jovem, adulto, período no qual sentia-se estimulado a romper fronteiras. Para as velhas e velhos camponeses, sujeitos desse estudo, ter que abandonar, na velhice, o espaço vivido, significava, para eles, acelerar o processo de insulamento. Foi por esta razão que João Miguel de Sousa desistiu de ir morar em Fortaleza na companhia de sua esposa.

Aí, quando foi depois, tem um dotor lá que eu me trato, um dia nós fumo lá pa esse dotor. Peguemo a conversar, eu, o Neto [filho do Sr. João Miguel] e ele. Aí ele foi e perguntou: - “o senhor tem vontade de morar aqui?” Eu digo: - Não dotor, eu num tinha não. Agora meu minino, peleja muito. Eu já tô assim quais querendo vim. Aí, ele bateu no Neto, disse: - “Rapaz, num traga seu pai pra qui não, num traga pra qui não. Aqui é bom tá certo, mais ele chegando veve preso, num sabe? Num sai pa canto nenhum e aí vai maltratando a ele e aí é arriscado morrer mais depressa do quê lá.” Ai, Neto foi e concordou. Aí, resolvi e num fui mais não. Posso ir, mais se eu tiver como se diz [...] que eu num possa mais fazer coisa nenhuma, o jeito que tem é ir, né? Mais enquanto eu puder me mexer pura qui, num vou não (SOUZA, Russas - Ce, 23 de ago. de 1999).

Portanto, o espaço vivido da velhice obedece a um retraimento natural, no qual o espaço de sociabilidade restringe-se tanto em função do desaparecimento de parentes e amigos do convívio cotidiano, como pelas alterações que se processam nas relações com os mais jovens, além, é claro, das mudanças que, naturalmente, ocorrem no corpo.

No que se refere às alterações nas relações com os mais jovens, ficou evidente, em praticamente todos os relatos, que o campo, e mais especialmente o espaço da casa, representava o



espaço da calma e da tranquilidade: “Dou muito valor é aqui os mato, porque aqui é calmo. [...] Táí um raidim, mas eu pouco eu abro ele, num gosto de zuada não” (DOS SANTOS, Russas, 25 de out. de 1999).

Em seu depoimento, Maria Júlia deixou entrever o quanto as formas de sociabilidade vão, ao longo da vida, ganhando novos sentidos, pois a própria experiência de vida faz com que o indivíduo ressignifique seus comportamentos sociais. Se no tempo de sua juventude, Maria Júlia “chorava pum um samba”, ou seja, por um forró, na sua velhice ela preferia dividir a solidão de sua pequena casa com o seu esposo Onofre, ou, quando muito, desfrutar do convívio familiar na casa da sua filha Graça.

Aqui, é só eu e ele. Ele vai pu ali, pu a casa da Graça, ali pu a Capela, tá um pedaço. Quando eu vejo que o sol tá mais fri, eu vou. Quando chega aqui ainda tá com ar de dia, com ar de dia a gente tá puraqui. Quando eu acabo de rezar... Eu nunca deixei de rezar dento da minha casa, táí meu ruzarim. Ói, meu ruzarim é no punho da rede. Quando eu acabo de rezar, me deito, boto um bucadim de fumo no cachimbo, fumo, ali começo a me balançar, quando defé eu tô durmindo, quando defé eu tô acordada, quando defé o galo canta, quando defé o dia amanhece, aí eu me levanto. Aí eu vou fazer um chá pra ele, vou fazer um café pra mim, é assim. Aí, se eu puder eu barro a casa, se eu num puder eu num barro (DOS SANTOS, Russas - Ce, 25 de out. de 1999).

Não obstante à sua simplicidade arquitetônica e de bens materiais, para Maria Júlia a casa representava abrigo e lar, lugar do descanso e da tranquilidade, um espaço único, dotado de significados bem particulares, de referências subjetivas, o universo de sua intimidade.

Para Luzia Maria da Silva, a cidade, com seus múltiplos apelos, representava o espaço da “confusão” e da “zuada”, ou seja, o inverso da estabilidade que o espaço rural lhe oferecia, especialmente sua casinha de taipa, seu ambiente doméstico, seu patrimônio íntimo.

Gosto não rapaz, que a coisa é cheia de confusão, suada pra cá, zuada prali, pra aculá. Só gosto mermo tá assim num canto isolado, quanto mais isolado mior. Eu acho muito bom aqui, porque quando é assim de noite, a gente se deita num tem zuada e a cidade não, num dá pra mim. Não sei como é que eu... Eu tem duas fia que mora na rua, na cidade [Jaguaruana], eu nunca, é muito difiço eu ir pa durmi lá porque eu num me dou com zuada. Logo tem essa televisão, tem gravador, as minina abre de noite vão até... é aquela zuada medonha (risos). Dá pra mim não, eu quero aqui mermo. No dia que eu me deito cedo, imhora que eu num durma, porque eu tenho uma perca de sono danada, mas eu quero tá sussegada num canto, num quero tá com zuada, ouvindo zuada não (DA SILVA, Jaguaruana - Ce, 02 de fev. de 1999).

Mas, não é somente no presente que os mais velhos do sertão costumavam/costumam reconhecer os benefícios da casa, pois nela, também, guardavam/guardam verdadeiros tesouros adornados nas referências do passado, na memória dos dias antigos que parece, sempre, esculpida na imagem daqueles que, apesar de já terem transposto os portais da morte, parecem ainda transitar

pelos cômodos e terreiro da casa. É como se o universo familiar da casa acomodasse, ao mesmo tempo, o presente e o passado numa espécie de negação do tempo e da morte.

Enquanto espaço vivido, o sertão representa, também, um espaço “associativo”, ou seja, se distingue por uma associação de funções (FRÉMONT, 1980). Foi nesse sentido que Estelita Crispim Gomes, ao narrar suas vivências, associando memória e imaginação, evocou as lembranças de sua antiga morada na comunidade das Melancias, zona rural do município de Morada Nova.

Rapaz, eu tenho mais saudade [...] é de morar lá nas Melancias [comunidade rural localizada no município de Morada Nova]. Que o açude é bem pertim, quando enche é uma fartura d'água. A morada nas Melancias era muito bom. Eu tinha muita vontade, mas o marido num quer mais morar lá, porque ele num tem mais condição de trabalhar im roça. [...] Era lugar bom da gente morar, era e é muito bom, fartura de água, de peixe, vazante pa quem tem prosperidade de trabalhar... É, tudo é muito fácil aculá (GOMES, Russas - Ce, 26 de ago. de 1999).

As imagens que as lembranças da velha narradora recortaram compõem um ambiente que se estende além do espaço físico da casa, pois, de maneira associativa, em suas reminiscências, contemplou a paisagem do açude nas estações chuvosas, como a mergulhar seu olhar na “fartura de água”, como se estivesse, em um segundo, a degustar a delícia do peixe fresco e frito na quentura das brasas do velho fogão à lenha.

O sertão, o ambiente rural, a casa do camponês, compreendem uma infinidade de vivências que foram sendo narradas a partir de um conjunto de associações que nos permitiram melhor compreender o enraizamento de velhas e velhos camponeses em seus territórios rurais, espaços do vivido.

3 A cidade: o espaço da repulsa e da necessidade

Ao longo da história, as cidades desempenham um papel privilegiado na organização dos espaços, pois, na lógica de uma economia de troca, elas concentram os serviços indispensáveis. Assim como as trocas de mercadorias, os fluxos de informações exercem um importante papel na estruturação do espaço citadino. Entre as muitas atividades, essencialmente urbanas, podemos destacar os serviços administrativos prestados pelo Estado como forma de regulação da sociedade em seus diferentes níveis (nacional, regional e local), os serviços sanitários, os serviços escolares e de informação, os serviços bancários e os serviços de lazer (FRÉMONT, 1980).

Da cidade, os camponeses não guardavam nenhuma expressão de desejo e de prazer, embora reconhecessem a funcionalidade do espaço citadino. Em seus discursos, a cidade representava, ao mesmo tempo, o espaço da repulsa e da necessidade, demarcada, por exemplo, nos serviços de assistência médica e educacional. Assim, enquanto o ambiente rural reunia as características do “lugar antropológico”, ou seja, de lugar identitário, relacional e histórico, a cidade era apresentada como uma espécie de não-lugar (AUGÉ, 1994).

De acordo com o discurso mais tradicional, forjado a partir do final do século XIX, por ser um elemento de trauma para a natureza e para o próprio homem, a seca climática, sobretudo até meados do século XX, obrigou milhares de camponeses a “deixar sua terra, deixar seu espaço, deixar, portanto, seu universo, para se lançar ao desconhecido, àquele espaço difuso e impreciso” (ALBURQUERQUE, JR. 1988).

Integrada à estrutura de poder político-econômico, marcadamente excludente, não resta dúvida que a seca historicamente contribuiu para potencializar os deslocamentos entre o campo e a cidade. No entanto, apesar da seca alterar o cotidiano camponês, os discursos que foram colhidos na pesquisa de campo, diferentemente do discurso tradicional, pouco associaram a seca à ideia de fuga, de busca de novos lugares e de nova vida.

Ao recordar os anos de 1942 e 1943, o velho João André contou uma história vivida por João Prego e sua família. João Prego era um velho conhecido de seu pai, morador de uma pequena localidade chamada Curalim da Barra, zona rural de Jaguaruana.

Ele [João Prego] pescava no rio da Barra. Quando, um dia, ele foi pescar matou um bucadim de peixe. Aí, num tinha farinha pa comer com os peixe. [...] Aí, a mulher pegou o peixe, escolheu, e mandou pa casa do compade dele, pa trocar pu farinha. Que lá o home era impresaro, era rico, munta farinha. Aí, a criança foi com o peixe pa trocar. [...] Chegou lá, a dona da casa... o velho num estava em casa, o dono da casa, quem tava era a dona da casa, disse pa criança, pu burreguim: - “meu filho, hoje já viero deixar peixe aqui, eu num quero, não.” Aí ele foi... bichim voltou pa trás com peixim. [...]. Esse impresaro a gente conhecia, caixão de farinha que, naquela época, era surrão de farinha, carregava em costa de burro; era surrão... caixão que pegava vinte e quato surrão de farinha [...], doze alqueire, entendeu? [...] Bichim voltou pa trás, voltou com o peixe... morrendo de fome. [...] Quando voltou o minino com o peixe, ele foi disse pa mulher: - “mulher, tu conserta esse peixe, bote no fogo, esmague e dê o caldo as crianças”... Vixe Maria! É triste, né?... “que eu vou a rua, vou ver se tem passage. Se tiver passage, tô me alistando hoje.” [...] Quando chegou, se alistrou, voltou pa trás, na merma tarde, no mermo dia. - “mulher, ajunta a troçadinha vamo butar dento dum saco, vamo durmir lá im União” [atual cidade de Jaguaruana]. Que nesse tempo, era União. - “vamo durmir lá, pa de madrugada nós sai [...] no pau-de-arara pra Fortaleza, pro curral” [local, popularmente conhecido por esse nome, para onde os retirantes da seca eram conduzidos]. Ajuntaro os trocim, viero, chegaro aqui, passaro a noite, quando foi amanhã pela manhã, subiro no pau-de-arara e foro embora (ANDRÉ FILHO, Jaguaruana - Ce, 03 de fev. de 1999).

Apesar dos anos de 1942 e 1943 terem sido, no dizer do velho João André, “escasso, quase seco”, não foi só a seca climática que fez João Prego ir para o Norte do país. Ferido em sua honra, agredido e humilhado pela desfeita de sua comadre, João Prego viu, na negativa de sua comadre, se desatar os laços de compadrio e de solidariedade que imperavam nas relações sociais no campo. À fome do corpo somou-se à fome da ingratidão, à fome da decepção, à fome da revolta e do abandono, impelindo-o a voltar para a Amazônia, fazendo ecoar, através da memória do velho João André, a frase-despedida: “adeus, União, se a minha alma tiver vergonha, aqui ela não vem mais.”

Ao tomar conhecimento do movimento das pessoas, especialmente dos homens, procurando se alistar como “soldados da borracha”, João Prego resolvera também emigrar com sua família para a Amazônia.

A primeira parte da viagem tinha como destino a cidade de Fortaleza e era feita em um pau-de-arara. Em virtude de a partida dar-se ainda na madrugada, era preciso, aos que moravam na zona rural de Jaguaruana, “dormirem” no próprio local do embarque, ou seja, debaixo de um pé de “tamarindo grande” onde as pessoas se “arranchavam”. Depois de uma viagem demorada e cansativa, em virtude do desconforto do transporte e das péssimas condições das estradas de rodagem, os “socorridos” da seca, quando chegavam em Fortaleza, eram levados para “uma casa” que foi apelidada, segundo o velho João André, de “curral”. Tratava-se, na verdade, da hospedaria Getúlio Vargas que, segundo Frederico de Castro Neves (2000), foi inaugurada no dia 15 de março de 1943, objetivando atender a “dois planos estratégicos do governo brasileiro naquele momento: controlar a mobilidade da população retirante durante as secas e participar efetivamente do esforço de guerra aliado com a produção da borracha amazônica” (NEVES, 2000, p. 151).

Várias foram as situações que levaram alguns camponeses a abandonarem seu lugar, seu espaço, seu universo, pois é assim que viam o “pedaço” de terra que lhes servia de morada e da qual tiravam o sustento de suas famílias. Mesmo vivendo no espaço da cidade, ambiente marcado por muitos conflitos culturais, os velhos narradores, na condição de cidadãos, procuravam manter vivos vários elementos de suas vivências rurais.

Em sua densa narrativa, o velho João André Filho procurou evidenciar as contingências que, no ano de 1979, o fez ir morar com sua família na cidade de Jaguaruana. Através de seu relato, buscou expressar o seu apego à vida do campo, como se nenhum outro mundo, além do rural, pudesse existir dentro dele. Assim, mesmo morando na cidade a mais de duas décadas, o espaço rural continuava sendo objeto de sua contemplação e de seu desejo.



Peguei olhar prá amanhã, pro que eu possuía: munta criação, uma lomba de gado, munta propriedade e tal. E peguei a olhar prá aquilo e lembrando: meu Deus, isso aqui é hoje e num é amanhã! Com vida minha se não tem futuro prá minha família, tem pra mim. No tempo, [eu] num era velho, mais já tinha idade. Mas, prá minha família num tem futuro. Graças a Deus num faltava nada prá eles. Mas, com a continuação o que vai ser dessa multidão de gente? Digo, vamo partir prá outa coisa, morar, passar uns dois ano lá na cidade prumode desasnar esse povo, o meno prá aprender assinar o nome. Aí, a mulher achou que era vantagem: - ‘é mermo, tal e tal’-. Aí, mandei, mandei a família prá cá, ficaro aqui, butaro na escola né, tudim. [] E eu fiquei lá nas propriedades. Só aguntei dois ano (risos)! Fico nada, aqui. Vou mimbora, vou prá casa. Eu deixo isso aqui, vendo uma parte de troço e vou ficar... fico lá e fico aqui, de fato! []. Mas, o caso da família, eu hoje me acho aqui, que eu num nasci prá morar im cidade (ANDRÉ FILHO, Jaguaruana - Ce, 03 de fev. de 1999).

Apesar de morar na cidade de Jaguaruana desde o ano de 1979, a pouca sociabilidade que marcava sua vida cotidiana espelhava as dificuldades de adaptação vividas pelo velho João André que revelou não se acostumar “com o dismantelo do pessoal” pelas ruas, “correndo, gritando, falando palavrão, jogando bola.” Desse modo, morando na cidade sem gostar, resumiu seu desabafo dizendo que estava “passando pela vida sem vivê-la.”

Porque eu num nasci pra morar im cidade. Não, num nasci. Óia, óia o meu sangue. Óia, eu num nasci pra morar im cidade, não. Nasci pra morar no suburbo, nasci pra morar na roça, nos mato e tal, na história matuta. Nasci pra morar nos mato, num foi im cidade. Aí, morando na cidade à força, tô passando pela vida sem viver (risos). Eu tô passando pela vida sem viver, porque quando a gente tá num canto que num tá gostando e sem poder se arretirar daquele canto, tá passado pela vida sem viver. É ou num é? (ANDRÉ FILHO, Jaguaruana - Ce, 03 de fev. de 1999).

Quanto mais a narrativa do velho João André tornava-se farta de sentido, mais nos fazia compreender o quanto ele ainda mantinha vivo o vínculo com o mundo rural, ao mesmo tempo em que nos fazia conhecer o quanto aquele homem simples era um pai consciente da necessidade de oportunizar aos seus filhos o acesso à escola, razão que o fez ir morar na cidade de Jaguaruana, na companhia de sua esposa.

Se eu num tivesse uma propriedadizinha ali, prá lutar com gadim e tal, eu logo tinha voltado lá prá minha serra, morar sozinho. [] Vinte anos, fazer vinte anos, num é moleza. É muitos dia, né? Mais eu num me acostumo, não. Eu passo quais o dia lá no ponto, né, junto com os bicho, tangendo prá lá, tapando buraco duma cerca, tangendo pra qui, prá acolá. Mas, num gosto de rua não. Sostô, né, nascer esse povo assim! Apois eu sou deles (risos). Mais que tive uma família, graças a Deus, fôro estudar. Morrendo, hoje, deixo uma família tudo lendo. Prá quê melhor? Tenho diversos empregados. É, empregados do saber. Ói, já é muita coisa. Se eu fico lá, né? (ANDRÉ FILHO, Jaguaruana - Ce, 03 de fev. de 1999).

Por não gostar do ambiente da cidade, mesmo procurando reinventar hábitos rurais, João André revelou o quanto era forte seu desejo “de ficar lá nos matos”, de voltar a morar na serra. Com uma sombra de tristeza no olhar, procurou me dizer o quanto os costumes citadinos lhe causavam desgostos.





Deus abençoe a nossa cidade, mas eu num gosto da cidade. [...] Ainda antes de ontem, eu tava dizendo pa muier: - Se eu fosse... se tivesse saúde, você, a gente, [...] nós ia lá pa essa terra que tem aí, do outro lado do rio, ficar lá nos mato. Porque lá nos matos, eu num quizesse tá dentro de casa, aí eu ia olhar os animais que tem e andar por dentro dos mato como foi a minha vida. Porque toda a vida eu gostei. Mas, nunca gostei da cidade. Eu sou tão assim com a cidade, que eu tem esses ano todim, é difiço eu butar uma cadeira na calçada pa me sentar um poquim. Eu boto lá na área, que tem por trás, pa num tá vendo o movimento. [...] Que eu tô vendo aquele desapovo do povo, aquela falta de respeito, aquela disonestidade e tal. Por isso eu digo: eu num nasci pra morar im cidade. Porque eu vejo uma coisa daquela num risisto, fico disiguado e eu num vendo nem ouvindo tá mior pra mim. Tá ou num tá? É mior (ANDRÉ FILHO, Jaguaruana - Ce, 03 de fev. 1999).

Em sua narrativa, o velho João André procurou expressar o conflito por ele vivido na condição de habitante da cidade de Jaguaruana, pois, passado vinte anos, parecia não querer abrir mão, sem nenhuma resistência, dos sentimentos que o unia ao ambiente rural onde nasceu, cresceu, casou-se e constituiu sua família.

Na experiência vivida pelo velho João André, podemos inferir que o lugar (rural) não foi completamente apagado de sua memória afetiva, da mesma forma que o não-lugar (cidade) não se realizou plenamente em suas vivências cotidianas (AUGÉ, 1994).

Ao contrário do velho João André, seu João Pereira Cunha, afetivamente ancorado no espaço rural, não acompanhou a sua família que, em fins da década de 1960, passou a residir na cidade de Jaguaruana. Apesar dos seus 78 anos de idade, continuava residindo, sozinho, em sua pequena casa localizada no Açude do Coelho, a dezessete quilômetros da cidade de Jaguaruana. No calor das recordações mais antigas, o velho João Pereira falou da solidão em que vivia.

Né vida pa cristão não, viu. Né vida pa gente não. A gente mora assim porque a gente topa tudo, né? É, topa tudo, mais é coisa tristonha, viu. Né vida a gente viver só não, viu! Aqui, [...] porque a minina aí sempre, toda vida, hoje é porque vocês tão aqui, elas tão cismada, sem saber quem é, [elas] ainda vem aqui hoje, num sabe? Elas sempe gosta de vim aqui: ispanam a casa, aí faz um café, faz uma coisa. A gente sempe distrai qualquer coisa. Eu, às vez vou também pu meus trabaio, prá aculá. Mas, que num é vida pa gente não, anoitecer ou amanhecer numa casa a gente sozim, é muito, é muito triste viu (CUNHA, Jaguaruana - Ce, 01 de fev. de 1999).

Em meio às lembranças do passado, sobretudo àquelas relativas ao mundo do trabalho, o velho João Pereira lamentava não possuir mais tanto vigor físico para trabalhar como antes. Com a visão já bastante prejudicada, ele dizia estar mais próximo do fim da vida, o que parecia motivar-lhe a querer contemplar, ainda mais, as paisagens de outrora. Se seu corpo físico não lhe oferecia a força e a dinâmica de antes, sua mente apresentava-se lúcida para as atividades diárias da memória que lhe fazia “caminhar” pelas muitas veredas cravadas em seu mundo íntimo. Em cada nova



lembrança, as distâncias do tempo pareciam apagar-se, como se naquele instante seu mundo de solidão fosse povoado pelos cenários, cheiros e vozes do passado presentes em sua alma.

Apesar de lamentar a solidão em que vivia, João Pereira disse compreender o fato da sua esposa, Maria Rocha Pereira, ter preferido ir morar na cidade: “a muier nasceu e se criou, ficou quais véia morando nesse lugar, mas hoje ela num quer mais vim pra cá de jeito algum. E eu num tiro razão não. Aí, eu num me acostumo lá” (CUNHA, Jaguaruana - Ce, 1 de fev. de 1999).

Ao rememorar seu passado, dona Maria Rocha Pereira também refletiu sobre as razões que a fazia morar na cidade de Jaguaruana. Dissera muito lamentar o fato do seu esposo João Pereira continuar morando, sozinho, no Açude do Coelho, mas revelou não poder abandonar seus filhos, nem muito menos o trabalho na pequena tecelagem de redes instalada na parte detrás de sua casa.

Ah! Meu irmão, eu tenho a maior pena dele. Mas, ele num quer tá mais a gente aqui na rua, eu num tenho o que fazer, né? Mas, que eu tenho pena. Pela minha vontade, ele vinha simhora morar mais a gente aqui na rua. Que eu acho que o canto dele é aqui, mais que ele num quer vim. Num posso obrigar ele vim a força, né? Pa chegar aqui, todo tempo ficar falando. [...] Quando ele vem, ele fala é muito: - ‘Eu vou ficar numa coisa dessa, ninguém dorme de noite, zuada até meia noite.’ Num tem jeito, [...] eu num posso abandonar meus fi aqui, minha casa, meu movimento, esse trabaio de fio [Fio de algodão utilizado na produção de rede] e tudo, né? (PEREIRA, Jaguaruana - Ce, 18 de ago. de 1999).

Para Maria Rocha, o espaço rural representava um lugar atrasado, pois oferecia uma vida de sacrifícios e sem perspectivas de mudança: “Você viu lá a situação do povo. [...] é muito difícil de a gente viver. Lá, a gente trabaia no pesado. A muié lá num tem saúde [...] a vida lá é dura, num é mole não” (PEREIRA, Jaguaruana - Ce, 18 ago. de 1999).

Ao procurar evidenciar as dificuldades que o espaço rural oferece àqueles que lá habitam, dona Maria Rocha, ao mesmo tempo, buscou enxergar as “facilidades” que a vida urbana poderia proporcionar à sua família.

Nesse sentido, movida pelo desejo de poder oferecer aos seus filhos uma outra oportunidade de vida, Maria Rocha viu-se “obrigada” a mudar para a cidade de Jaguaruana em 1968, com o objetivo claro de possibilitar aos seus filhos ingressarem na escola de maneira mais regular.

Casei muito nova, com dezessete ano, né? Tive uma ruma de fi, 14 fi ainda (risos). Mas, graças a Deus num me arrependi porque tudo são bom pra mim, tudo são bom filho e me sinto muito sartisfeita com isso. Eu morei esse tempo todim na Serra, até... Nós viemo pra cá im 68. Aí, a gente foi obrigado a mudar por causa da escola dos minino, nera? Lá num tinha escola, a gente sofria muito pos minino estudar [...]. Quando a gente chegou, ainda era muito difiço. Os meus fi ainda era piqueno ainda, uma parte deles. Mas, a gente tinha, a gente trazia um poquim de ricurso das prantação, né? Do gado. A gente criava gado, criava criação e tudo. Aí, a gente butou pa estudar e foi miorando e todo mundo querendo alguma coisa, né? Que meus fi, nenhum nunca ficou reprovado um ano. Todos os anos eles passava. Às vez, ficava assim de recuperação, né? [...]. Mas, eu tinha a maior vontade de ver eles

estudar e graças a Deus tive bom proveito da vida deles, porque eles vieram e quiseram mermo, né? Hoje im dia, tem 04 pa ser formado, né? E tem 03 começando também. Se Deus quiser eles vão conseguir (PEREIRA, Jaguaruana - Ce, 18 de ago. de 1999).

A valorização da formação educacional de seus filhos e netos, o desejo de vê-los se qualificando para o mercado de trabalho, especialmente para a vida, pôde ser percebida em várias outras narrativas, principalmente no discurso das velhas camponesas.

Para finalizar esse arrazoado de ideias, importa ressaltar que, ao mesmo tempo em que os mais velhos do sertão cultivam um sentimento de repulsa à cidade, o ambiente rural não passa de uma cartografia do desejo contornada pelos fios de suas memórias, cuja profundidade ia sendo revelada nas muitas camadas de experiências vividas, assim como por traços de idealização, pois, ao narrarem suas histórias de vida, falaram sempre do sertão que tinham dentro deles. Entretanto, o campo não é um espaço imutável, não sendo, portanto, aquele lugar que imaginavam conhecer, viver. As suas distâncias e seus ruídos não eram mais os mesmos de outrora, os ventos da modernidade já sopravam novas dinâmicas sociais com suas cores, cheiros e ritmos.

4 Considerações finais

A partir da memória de velhos(as) camponeses do Baixo Jaguaribe-CE, busquei refletir sobre a relação campo e cidade, procurando encontrá-la na metáfora do “ninho” e do “alçapão.”

Atravessando lembranças, memórias, fui escrutinando o campo, o mundo rural, como espaço do acolhimento, do afeto, o qual, apesar das desditas, era o chão de suas raízes familiares, das memórias do vivido que pareciam irrigar suas identidades socioculturais, seus desejos, seus sonhos. Embora não tenha tido a pretensão de enxergar e escriturar imagens marcadas por uma dada regularidade discursiva, nas memórias colhidas pude evidenciar o apego que a maioria dos velhos(as) camponeses demonstravam ter em relação ao mundo rural, aqui representado na metáfora do “ninho”.

Por outro lado, nas narrativas acolchoadas por discursos de repulsa, os espaços citadinos pareciam representar verdadeiros alçapões, cuja lógica de mobilidade e comunicação fazia-se, para os velhos(as) camponeses, desprovida de desejo e prazer. Assim, àqueles que, por força das circunstâncias, foram “obrigados” a habitar a cidade, o fizeram sem, contudo, deixarem de sentir que nela apenas passavam pela vida sem vivê-la.

Referências

Fontes orais:

Antônio Eugênio da Silva, 80 anos. Entrevista gravada na comunidade da Pacatanha, localizada em cima da chapada do Apodi, no município de Jaguaruana, no dia 15/09/1998.

Estelita Crispim Gomes, 69 anos. Entrevista gravada na comunidade da Lagoa de Santa Terezinha, no município de Russas, no dia 26/08/1999.

João André Filho, 72 anos. Entrevista gravada na cidade de Jaguaruana, no dia 03/02/1999.

João Miguel de Souza, 80 anos. Entrevista gravada na comunidade do Divertido, no município de Russas, no dia 23/08/1999.

João Pereira Cunha, 78 anos. Entrevista gravada no Açude do Coelho, no município de Jaguaruana, no dia 01/02/1999.

Luzia Maria da Silva, 73 anos. Entrevista gravada na comunidade da Pacatanha, localizada em cima da chapada do Apodi, no município de Jaguaruana, no dia 02/02/1999.

Maria Júlia dos Santos, 72 anos. Entrevista gravada na comunidade da Lagoa de Santa Terezinha, no município de Russas, no dia 25/10/1999.

Maria Rocha Pereira, 67 anos. Entrevista gravada na cidade de Jaguaruana, no dia 18/08/1999.

Onofre Augusto dos Santos, 77 anos. Entrevista gravada na comunidade da Lagoa de Santa Terezinha, no município de Russas, no dia 21/10/1999.

Pedro das Neves Cavalcante, 74 anos. Entrevista gravada na comunidade Vazantes, no município de Morada Nova, no dia 08/04/2000.

Raimundo Sabino da Silva, (Coró), 79 anos. Entrevista gravada na comunidade da Pacatanha, no município de Jaguaruana, no dia 02/02/1999.

Zacarias Francisco de Almeida, 84 anos. Entrevista gravada na comunidade da Lagoa de Santa Terezinha, no município de Russas, no dia 25/08/1999.

Bibliografia:

ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz. **Falas de Astúcia e de Angústia**: a seca no imaginário nordestino – de problema a solução. Dissertação de Mestrado em História apresentada à UNICAMP. Campinas, SP: 1988.

AUGÉ, Marc. **Não-Lugares**: introdução a uma antropologia da supermodernidade. Campinas, SP: Papyrus, 1994. – (Col. Travessia do século)



BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

BOSI, Ecléa. “ir. Lembrar”. In. Carlos Rodrigues Brandão. **Memória sertão**: cenários, cenas, pessoas e gestos nos sertões de João Guimarães Rosa e de Manuelzão.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Memória sertão**: cenários, cenas, pessoas e gestos nos sertões de João Guimarães Rosa e de Manuelzão. São Paulo: Editorial Cone Sul/Editora UNIUBE, 1998.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: 1. Artes de fazer. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

FRÉMONT, Armand. **A Região, Espaço Vivido**. Coimbra: Livraria Almedina, 1980.

NEVES, Frederico de Castro. **A Multidão e a História**: saques e outras ações de massas no Ceará. – Rio de Janeiro: Relume Dumará; Fortaleza, CE: Secretaria de Cultura e Desporto do Estado, 2000.

ROLNIK, Raquel. **O que é cidade**. 3.^a edição. São Paulo: Brasiliense, 1994.

Rosa Maria de Almeida, 69 anos. Entrevista gravada na Lagoa de Santa Terezinha, no município de Russas, no dia 25/08/1999.

WILLIAMS, Raymond. **O Campo e a Cidade**: na história e na literatura. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

Zacarias Francisco de Almeida, 84 anos. Entrevista gravada na comunidade da Lagoa de Santa Terezinha, no município de Russas, no dia 25/08/1999.

